**Uma imagem com texto, póster, design gráfico, Tipo de letra

Descrição gerada automaticamente**

**Ritos iniciais**

**Procissão de entrada | Cântico de Entrada**

**Saudação Inicial**

P. A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, impelido pelo Espírito Santo ao deserto, para escolher a vontade do Pai, esteja sempre convosco.

R. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

**Monição Inicial:**

P. “*Vamos com alegria. Subamos juntos a Jerusalém*”. Este é o convite do Senhor, para esta Quaresma, que iniciámos na passada Quarta-Feira de Cinzas e que tem como meta a Páscoa gloriosa de Cristo. É um caminho de quarenta dias, de libertação e para alcançarmos a liberdade; um caminho que passa pelo deserto da oração e da conversão da tristeza em alegria. Neste domingo e nesta primeira semana, vivamos a alegria da conversão, daquela mudança de rota, que traz o amor, a harmonia e a paz de volta ao nosso coração. Deixamos o ato penitencial para depois da Homilia. Antes, porém, alegremo-nos no Senhor, rico em misericórdia.

**Kyrie**

P. Senhor, misericórdia. R. Senhor, misericórdia!

P. Cristo, misericórdia! R. Cristo, misericórdia.

P. Senhor, misericórdia. R. Senhor, misericórdia!

**Oração coleta**

**Liturgia da Palavra**1.ª leitura: Forma breve – Missas com Catequese

**Leitura do Livro do Génesis**

Deus disse a Noé e a seus filhos:

«Estabelecerei a minha aliança convosco,

com a vossa descendência e com todos os seres vivos:

de hoje em diante nenhuma criatura será exterminada

e nunca mais um dilúvio destruirá a terra».

Deus disse ainda:

«Este é o sinal da aliança que estabeleço convosco

e com todos os animais que vivem entre vós,

por todas as gerações futuras:

«Farei aparecer o meu arco sobre as nuvens,

que será um sinal da aliança entre Mim e a terra».

**Palavra do Senhor.**

R. Graças a Deus.

**Salmo Responsorial:**

Refrão: Todos os vossos caminhos, Senhor, são espírito e verdade!

Nas Missas com Catequese, omitir a 2.ª estrofe

2.ª leitura | Forma breve | Missas com Catequese

**Leitura da Primeira Epístola de São Pedro**

Caríssimos:

Cristo morreu uma só vez pelos pecados

– o Justo pelos injustos –

para vos conduzir a Deus.

Morreu segundo a carne,

mas voltou à vida pelo Espírito.

…

Nos dias de Noé,

Deus esperava com paciência,

enquanto se construía a arca,

na qual poucas pessoas, oito apenas,

se salvaram através da água.

Esta água é figura do Batismo que agora vos salva.

Deus salva-vos por meio da ressurreição de Jesus Cristo.

Palavra do Senhor. R. Graças a Deus.

**Aclamação ao Evangelho:** [Omitir o “Aleluia”].

**Proclamação do Evangelho** (leitura integral)

**Homilia no I Domingo da Quaresma B 2024**

***Vamos com alegria. Subamos juntos a Jerusalém.***

Este é, para a maioria dos fiéis, não só o primeiro domingo, como também o 1.º dia «em cheio», no caminho da Quaresma à Páscoa. Gostaria, por isso, de vos recordar o apelo que nos é feito, nesta caminhada, nesta subida, mesmo que repetindo algumas ideias já expressas na passada Quarta-Feira de Cinzas.

**1. Primeiro: *Vamos com alegria.*** Porque a meta do nosso caminho quaresmal é a Páscoa, que nos enche de alegria. Nesta 1.ª semana da Quaresma, somos desafiados, em concreto, a viver a **alegria da conversão**, isto é, a alegria que nos vem da mudança da nossa mente, do nosso coração, da nossa vida. A conversão é sempre uma fonte de alegria, sobretudo por isto: é Deus que nos procura primeiro. E nós, em resposta a esta Boa Nova, voltamos para Ele. Se alguma tristeza pode haver, na conversão, é aquela tristeza que resulta do “*arrependimento, que leva à salvação*” (cf. *2 Cor* 7, 10). Mas essa é uma tristeza boa, porque depressa se converterá em alegria: é a alegria de quem regressa a casa, de quem volta ao primeiro amor, de quem se reencontra com Deus, com os outros, com todas as criaturas, na harmonia do amor e na paz dos anjos!

**2. Segundo:** ***Subamos juntos a Jerusalém.*** Esta subida não se faz sem aliviarmos a carga: libertemo-nos dos excessos que nos consomem; dos laços ou vínculos que nos enredam, das coisas que nos pesam e tornam pesados, das relações que nos intoxicam, dos costumes que nos paralisam. Veja, cada um, o peso a largar, o *estorvo* de que se deslindar, o nó-cego a desatar, a teia a desmantelar, para poder escalar esta subida, livre e liberto, com Cristo e com os irmãos! E façamos esta subida, juntos, em casal, em família, em grupo, em comunidade, imitando e seguindo a Cristo, na oferta de Si mesmo, na renúncia de Si mesmo por amor. Juntos, significa também ter a coragem pastoral de fazer caminho conjunto entre as duas comunidades paroquiais.

**3. Terceiro: Diante da Cruz do Senhor.** Detenhamo-nos diante da Cruz do Senhor, morto e ressuscitado, com as suas cinco chagas. Hoje pensemos nas **cinco chagas pessoais**, naquelas cinco feridas, mágoas, divisões, dores, que trazemos no nosso coração e precisam de ser curadas. Cada um identifique as suas chagas pessoais, das quais dirá «*só eu e Deus é que sabemos*». Mas – insisto – olhemos para estas feridas pessoais, com os olhos postos nas chagas de Cristo, morto e ressuscitado. As suas chagas estão abertas para nós e, por aquelas chagas, somos curados (cf. 1 Pd 2, 24; Is 53, 5). Amemo-las, beijemo-las e compreenderemos que precisamente aí, nesses buracos escuros, frios e dolorosos da vida, Deus vem ao nosso encontro e convida-nos a regressar a Ele, para voltarmos a encontrar a alegria de ser amados (cf. Papa Francisco, Homilia, 17.2.2021), a alegria do primeiro amor (Os 2,16-17).

Irmãos e irmãs: de coração contrito, iniciemos juntos este caminho de libertação, esta subida para Jerusalém. Que as nossas chagas sejam curadas nas “*chagas de Cristo, o coração ferido, que está entre nós e o perigo*” (Celina Borges). Que a nossa tristeza se converta em alegria. A todos, desejo uma feliz escalada, pelo Caminho da Cruz do Senhor à glória de Cristo Ressuscitado! Boa subida!

**Ato penitencial depois da Homilia**

P. No círculo da «chaga» que está à cabeça da Cruz, colocámos já (ou “vamos colocar agora”) as nossas **chagas pessoais**, pedindo ao Senhor, que nos cure estas feridas. Depois de duas propostas dos leitores, responderemos ao convite do Presidente, invocando: R. **Senhor, curai-nos e salvai-nos!**

**1.ª chaga pessoal**

Leitor(a), Catequista, Pai/Mãe do 1.º ano: Senhor, a primeira chaga pessoal que Te oferecemos é a do **excesso de consumo**, que nos pesa e torna pesados. Muitas vezes, gastámos e desperdiçámos a água, a luz, a comida e a bebida, a roupa e tantas coisas que usamos, coisas de que abusamos e não reutilizamos.

Leitor(a), Catequista, Pai/Mãe do 2.º ano: Senhor, curai-nos do **consumismo voraz,** com a sobriedade, de quem valoriza tanto mais, quanto menos consome. Fazei-nos viver em aliança com o ambiente; fazei-nos viver em paz e harmonia com toda a Criação, que é a nossa Casa Comum.

P. Senhor, curai-nos e salvai-nos!

R. **Senhor, curai-nos e salvai-nos!**

**2.ª e 3.ª chagas pessoais**

Leitor(a), Catequista, Pai/Mãe do 3.º ano: Senhor, oferecemos-Te **as chagas da indiferença e da pressa**. Passámos, tantas vezes, ao lado de quem mais precisa. Evitamos ser aborrecidos pelos outros. Nunca temos tempo para parar diante de Ti e diante de quem está ferido.

Leitor(a), Catequista, Pai/Mãe do 4.º ano: Senhor, curai-nos da indiferença e da pressa com o bálsamo da misericórdia, que cuida amorosamente de cada um. Fazei-nos parar, com amor, diante dos irmãos feridos, carentes e excluídos.

P. Cristo, curai-nos e salvai-nos!

R. **Cristo, curai-nos e salvai-nos!**

**4.ª e 5.ª chagas pessoais**

Leitor(a), Catequista, Pai/Mãe do 5.º ano: Senhor, uma outra **chaga é a do nosso apego**: apego ao nosso dinheiro e às nossas coisas; apego às nossas ideias e posições; apego aos nossos hábitos e costumes; apego a relações pessoais, que nos impedem de amar com verdade. E ainda temos bem aberta **a chaga do nosso egoísmo** vaidoso. Queremos poder tudo, ser louvados por todos e levar a melhor sobre todos.

Leitor(a), Catequista, Pai/Mãe do 6.º ano: Senhor, curai-nos e libertai-nos de tudo o que nos escraviza, de tudo o que nos prende a nós próprios. Livrai-nos de nós mesmos. Dai-nos a gloriosa liberdade dos filhos de Deus!

P. Senhor, convertei-nos, curai-nos e salvai-nos!

R. **Senhor, curai-nos e salvai-nos!**

P. Deus da Aliança, do Amor e da Paz: concedei-nos que, reconhecendo as nossas chagas pessoais, sejamos curados e salvos pelas santas Chagas do Vosso Filho, que por nós morreu e ressuscitou. Ele que é Deus e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.

R. Ámen.

**Credo dialogado** nas Missas sem catequese

P. Credes em Deus Pai, o Deus da Aliança, que vos chama a viver em paz e harmonia com Ele, com os irmãos e com todas as criaturas? R. Sim, creio!

P. Credes em Jesus Cristo, o único Justo, que morreu uma só vez pelos vossos pecados, para vos conduzir a Deus? R. Sim, creio!

P. Credes no Espírito Santo, que vos impele para o deserto, para escutardes a voz do Senhor e seguirdes os caminhos da verdade e do amor? R. Sim, creio!

P. Credes na Igreja, da qual fazeis parte desde o vosso Batismo, pelo qual fostes salvos através da água e do Espírito Santo? R. Sim, creio!

**Oração dos Fiéis** nas Missas sem Catequese

Inspirada na Mensagem do Papa para a Quaresma 2024

P. Irmãos e irmãs: A Quaresma é o tempo de graça em que o deserto volta a ser o lugar do primeiro amor (cf. Os 2, 16-17). Através do deserto quaresmal, Deus guia-nos para a liberdade. Unidos ao Senhor, no Seu caminho pascal, confiemos-lhe as nossas humildes súplicas, dizendo:

R. **Senhor, dai-nos, de novo, a alegria da Vossa salvação!**

1. Pela Santa Igreja: para que percorra alegremente e «em saída», o caminho quaresmal e sinodal, animada pela fé e pela caridade, que guiam a pequenina esperança. Invoquemos. R.
2. Pelos que governam: para que escutem os gritos de tantos irmãos e irmãs, oprimidos pela violência e pela guerra, pela fome e pela sede, pela contaminação da terra, do ar e da água. Invoquemos. R.
3. Por todos os escravizados por laços opressivos, por vícios destrutivos, pela mentira e pelo domínio sobre os outros: para que percorram um caminho de libertação, capaz de modificar a vida, os hábitos, as compras, o cuidado com a Criação e a inclusão dos desprezados. Invoquemos. R.
4. Por todos os que se sentem agitados e exaustos, pela pressa da vida: para que diminuam a velocidade e saibam parar, em oração na presença de Deus, e parar com atenção junto das chagas dos irmãos feridos. Invoquemos. R.
5. Por todos nós: para que, ao longo desta subida com Cristo para Jerusalém, brilhe a alegria nos nossos rostos, se sinta o perfume da liberdade e irradie o amor que faz novas todas as coisas. Invoquemos. R.

P. Senhor, nosso Deus, que através do deserto quaresmal nos guiais para a liberdade, dai-nos a graça de participar na alegria da vitória pascal do Vosso Filho, que é Deus e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, pelos séculos dos séculos.

R. Ámen.

**Liturgia Eucarística**

Apresentação dos dons e Cântico de Ofertório | Oração sobre as Oblatas | Prefácio próprio do 1.º domingo da Quaresma | Oração Eucarística II [Cantar Aclamação: “Mistério da Fé, para a salvação do mundo. R. Glória a Vós, que morrestes na Cruz e agora viveis para sempre. Salvador do mundo, salvai-nos. Vinde, Senhor Jesus”!] | Ritos da Comunhão | Oração depois da Comunhão

**Ritos Finais**

**Agenda pastoral | Guifões**

1. Entregamos hoje, um folheto com a programação conjunta das Paróquias da Senhora da Hora e de Guifões, que serve de guia para este caminho da Quaresma à Páscoa de 2024, sob o lema: “Vamos com alegria. Subamos juntos a Jerusalém”.
2. Nessa programação, incluem-se os tempos de oração e celebração, as propostas de renúncia e de partilha de bens.
3. Tomaremos com símbolo uma Cruz, com as cinco chagas. E procuraremos, semana a semana, em família, identificar as chagas e procurar o remédio da cura. Em comunidade, iremos identificar as chagas pessoais, familiares, sociais, culturais e paroquiais que precisam de ser tratadas. Em casa, em cada semana, procuremos identificar uma chaga familiar e encontrar e aplicar o remédio para a sua cura. Hoje falámos, por exemplo, da pressa e da tentação de cada um se tornar o centro do mundo. Mas certamente há outras. Conversem em família sobre isto e peçam a Jesus a cura.
4. A folha dominical interparoquial ajudar-nos-á com algumas sugestões e propostas, semana a semana.
5. Essa Cruz, decorada, pouco a pouco, semana a semana, poderá servir de sinal na porta ou no portão, para a visita pascal. Custo: 1,00 €.
6. Atendimento para confissões: crianças do 4.º e 5.º ano, confissões na quinta-feira, dia 22 de fevereiro, antes da missa e depois da Missa (18h00-19h00 e 19h30-20h00).
7. Sexta-feira, dia 23, às 21h00, na Igreja Matriz, Oração do Terço, orientado pelo Grupo Cenáculos de Oração missionária.
8. Sábado, dia 24, às 21h15, Mostra de Arte e Teatro, pelo Grupo de Teatro de Guifões, no Salão Paroquial. Entrada livre. Dinamização e animação do Bar pelo Grupo de jovens.
9. Durante a Quaresma, entrega do contributo paroquial.
10. No 2.º domingo de cada mês, contributo para as obras da Igreja: temos infiltrações no Salão paroquial, na Torre sineira da Igreja Matriz, na cobertura da Capela Mortuária, no salão do piso térreo, anexo à Igreja da Sagrada Família (piso completamente danificado) e na cobertura da Igreja.

**Agenda pastoral | Senhora da Hora**

1. Entregamos hoje, um folheto com a programação conjunta das Paróquias da Senhora da Hora e de Guifões, que serve de guia para este caminho da Quaresma à Páscoa de 2024, sob o lema: “Vamos com alegria. Subamos juntos a Jerusalém”.
2. Nessa programação, incluem-se os tempos de oração e celebração, as propostas de renúncia e de partilha de bens.
3. Tomaremos com símbolo uma Cruz, com as cinco chagas. E procuraremos, semana a semana, em família, identificar as chagas e procurar o remédio da cura. Em comunidade, iremos identificar as chagas pessoais, familiares, sociais, culturais e paroquiais que precisam de ser tratadas. Em casa, em cada semana, procuremos identificar uma chaga familiar e encontrar e aplicar o remédio para a sua cura. Hoje falámos, por exemplo, da pressa e da tentação de cada um se tornar o centro do mundo. Mas certamente há outras. Conversem em família sobre isto e peçam a Jesus a cura.
4. A folha dominical interparoquial ajudar-nos-á com algumas sugestões e propostas, semana a semana.
5. Essa Cruz, decorada, pouco a pouco, semana a semana, poderá servir de sinal na porta ou no portão, para a visita pascal. Custo: 1,00 €.
6. Confissões esta semana, para o 6.º ano da catequese: sexta, 23, às 18h00; sábado, 24, às 10h00 (na Igreja Paroquial); ou segunda-feira seguinte, dia 26, às 18h00 (na Igreja Antiga).
7. Velada de escuteiros, sexta, 23, às 21h00. Missa extraordinária para as promessas, sábado, 24, às 19h00.
8. Rifas – Especial dia do Pai – à venda por 1 €. Sorteio a 17 de março, no final da missa das 11h00. 1.º Prémio: perna de presunto, 1 garrafa de vinho e um licor de framboesa; 2.º e 3.º prémios: uma caixa de chocolates, uma caixa de bolachas e uma garrafa de vinho.

**Oração sobre o Povo** (cf. Missal, 3.ª edição, s/músicas, p.179)

P. Desça a vossa bênção abundante, Senhor, sobre o Povo que vos suplica, para que aumente a sua esperança na tribulação, se fortaleça a sua firmeza na tentação e alcance a redenção eterna. Por Cristo, nosso Senhor.

**Bênção final**

P. A bênção de Deus todo-poderoso,

Pai, Filho ✠ e Espírito Santo,

desça sobre vós e permaneça para sempre.

R. Ámen.

**UMA PALAVRA SOBRE A PROGRAMAÇÃO INTERPAROQUIAL**

**DA QUARESMA À PÁSCOA 2024**

1. Propomos aos fiéis de Guifões e da Senhora da Hora um programa interparoquial da Quaresma à Páscoa, em sintonia com a Diocese e com as propostas resultantes da reflexão dos Conselhos Paroquiais de Pastoral de cada uma das duas Paróquias, a que presido. Apresentamos um só programa, numa mesma folha, para que se torne mais claro, para todos, que é uma só a vida pastoral, que pulsa nestas duas comunidades paroquiais, sob a condução pastoral de um só pároco.
2. Temos algumas iniciativas comuns, como, por exemplo, o concerto de encerramento da iniciativa “24 horas para o Senhor”. Também os tempos da leitura orante da Bíblia (lectio divina) são realizados nas igrejas das duas paróquias.
3. Vereis que a programação deste tempo é muito rica e, em alguns casos, inovadora: lectio divina, confissões por grupos de catequese, via-sacra pública, missa campal, etc.
4. Tendes um só pároco, para duas comunidades: esta é uma realidade, que não pode ser esquecida. E poderá até agravar-se mais depressa do que pensais. Aliás, seja em unidade pastoral com a Senhora da Hora, seja em eventual unidade pastoral com outras paróquias aqui à volta, o caminho será sempre o de partilha de recursos humanos e espirituais, não se podendo multiplicar tudo o que se faz por duas ou por três ou por quatro paróquias. Não vale a pena adiar o que a realidade pastoral impõe.
5. O que se sugere agora de novo, refere-se apenas à Vigília Pascal. Mantêm-se basicamente as mesmas propostas de celebrações de Ramos, Quinta e Sexta-feira Santas e as do Domingo de Páscoa. Pretende-se que, apenas numa celebração (a da Vigília Pascal), a mais importante, a mais longa, o pároco se encontre com a sua única família (os seus dois filhos) num só e mesmo lugar, numa celebração conjunta. Tendo em conta a dimensão dos espaços, é fácil de perceber a escolha da Igreja, com maior capacidade de lugares, para uma celebração conjunta da Vigília Pascal: a Igreja da Senhora da Hora. Se falássemos de Igrejas em iguais condições logísticas, fazíamo-lo rotativamente. Mas não é o caso.
6. Recordo que as celebrações do Tríduo Pascal não são para *duplicações*, nem são para “*padres de substituição*” nas paróquias. Seria injusto contentarem-se com um padre substituto, na noite maior de festa da Igreja! Ora, se temos um Padre e temo-lo para tudo o que precisamos, devemos apenas contar com ele, também no Tríduo Pascal. Por que havíamos de contar com outro, numa celebração tão importante, como esta da Vigília Pascal? E mesmo que houvesse, de momento, um substituto, isso não resolveria o problema, apenas o adiaríamos; pois será cada vez mais frequente a presidência de um só padre a várias paróquias, que necessariamente impede a multiplicação de celebrações desta grandeza.
7. Gostaria que deixassem de julgar estas escolhas em termos de “perder isto” ou “perder aquilo”, de “tirar isto” ou “tirar aquilo”. Numa e noutra paróquia, segue-se a mesma regra do Evangelho: “perde-se para ganhar”, “morre-se para ressuscitar”, segundo a lógica de “quanto menos, tanto mais”.
8. Proponho à liberdade dos fiéis e daqueles que exercem ministérios (leitores, acólitos, cantores) participarem ou não nesta celebração interparoquial da Vigília Pascal. Ficaria muito feliz que acolhessem o desafio desta participação e o sinal desta comunhão. Recordo que será garantido transporte entre a Igreja de Guifões e a da Senhora da Hora e vice-versa, para facilitar a deslocação, sobretudo aos mais frágeis.
9. Não se trata de impor a minha vontade. Trata-se de orientar a comunidade e de lhe abrir novas perspetivas, fazendo-a dilatar o seu coração e adaptando-a aos novos tempos. Não se trata de “concordar” ou “discordar”. Eu também discordaria, se fosse o caso, de tomar conta de uma nova Paróquia. Trata-se de acolher humildemente os desafios da realidade.
10. Termino, com um excerto da Mensagem do Papa para a Quaresma, que vale a pena guardar em nossos corações: “*Que a Quaresma seja também tempo de decisões comunitárias, de pequenas e grandes opções contracorrente, capazes de modificar a vida quotidiana das pessoas e a vida de toda uma coletividade*”. Obrigado a todos pela vossa compreensão. Sei que o Povo de Deus estima o padre que tem. *“Vamos com alegria. Subamos juntos a Jerusalém!*

**HOMILIAS**

**NO I DOMINGO DA QUARESMA B**

**Homilia no I Domingo da Quaresma 2021**

1. *Todos juntos na Arca da Aliança.* É o propósito que nos guia neste caminho para a Páscoa, *em família e com todas as famílias*. Como «*um pai de família, que tira coisas novas e velhas do seu tesouro*» (Mt 13,52), vamos descobrir, juntos, os tesouros mais belos, que a vida em família nos oferece. E, hoje, o tesouro a descobrir é o da nossa *Casa Comum*. Não apenas da nossa casa de família, onde por estes dias nos confinamos para evitarmos o contágio do vírus, mas desta *Casa universal*, desta nossa *Casa Comum*, Casa de todos, habitada pela única família humana. É o nosso mundo, a Criação inteira, que precisamos de aprender a cuidar, para viver em aliança de paz com o mundo que nos rodeia!

2. A cena bíblica da construção da arca de Noé e da aliança que se lhe segue, é muito inspiradora, para nós. Fixemo-nos em três aspetos:

2.1. Num tempo em que a desordem do coração humano, por causa do vírus do pecado, atingiu o seu pico, Deus chama Noé a construir uma arca. Lá se abrigam ele, a sua mulher, os seus filhos e as esposas dos seus filhos. Numa palavra, é toda uma família que é poupada à destruição e que ficará para sempre como a semente de esperança de uma nova humanidade. O mundo recria-se sempre a partir da família. A esta luz, também nós devemos cuidar da nossa casa familiar, como abrigo, como lugar de salvação, para preservar o mundo do contágio do mal. O apelo “*fique em casa*” é oportunidade para cuidarmos mais uns dos outros em família e preservarmos a vida de todos. Deste modo, este não será um tempo vazio ou perdido, mas um tempo de oportunidades, um tempo preenchido pela graça de Deus!

2.2. Noé guarda dentro da arca não só a sua família, mas também os animais, de modo a garantir a sobrevivência das espécies. É um tempo de confinamento que dura 40 dias e 40 noites, esta sim, uma verdadeira *quarentena*. São os 40 dias necessários para fazer com que o coração humano mude a sua relação com Deus, com os irmãos e com todas as criaturas e assim a Terra se regenere. A esta luz, vivamos a nossa quarentena, dentro de casa, como oportunidade de mudança, para reforçar os laços da Aliança não só com os de nossa Casa, mas também com a criação inteira, à imagem de Jesus, que “*vivia em paz entre os animais selvagens*”. Bela imagem de uma aliança de paz com toda a criação!

2.3. Bem vistas as coisas, a aliança com Noé e a sua descendência ajuda-nos a tomar consciência do valor que o mundo, nossa Casa Comum, tem aos olhos de Deus. A aliança com Noé mostra-nos como tudo está interligado: o cuidado dos irmãos, o cuidado da família e o cuidado da Terra, nossa Casa Comum (cf. LS 70). Mas insisto: é a partir da nossa casa familiar que aprendemos a cuidar da Casa Comum. “*Na família, cultivam-se os primeiros hábitos de amor e cuidado da vida, como, por exemplo, o uso correto das coisas, a ordem e a limpeza, o respeito pelo ecossistema local e a proteção de todas as criaturas”* (LS 213).

3. Como cuidar então da Casa Comum, a partir da nossa Casa familiar, numa aliança entre a humanidade e o ambiente (cf. LS 209-215)? Há que *“evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com desvelo os outros seres vivos, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias*” (LS 211). Tudo isto pode fazer parte de um programa de “*jejum e abstinência*”, de poupança e moderação, nos consumos de comida, água, luz, em tempo de quarentena.

Durante esta semana, procuremos valorizar este tesouro da nossa *Casa Comum* e rezemos em família: “*Senhor, ensinai-nos a guardar com amor este tesouro da nossa Casa Comum. Fazei de nós um arco-íris de harmonia e de paz, entre nós e entre todas as criaturas. Ele será o sinal promissor da vossa eterna aliança*”!

**Homilia no I Domingo da Quaresma B 2018**

O amor é paciente (1 Cor 13,4)

**1.** O dia dos namorados reduziu praticamente a cinzas a quarta-feira, que marcou o início da Quaresma! E na coincidência feliz destas duas datas, a Quaresma deste ano desafia-nos a não deixar esfriar o amor e a deixarmo-nos mover pelo amor de Deus, que Se entrega na Cruz! Felizmente há a Quaresma, que “anuncia e nos torna possível voltarmos ao Senhor, de todo o coração e com a nossa vida” (Papa Francisco, Mensagem para a Quaresma 2018), ou, como nos recorda o profeta Oseias, este é o tempo, em que Deus, apaixonado pelo Seu Povo, como o esposo pela esposa, nos leva ao deserto, para nos falar ao coração e nos fazer voltar ao primeiro amor (cf. Os 2,16; Ap 2,4). A Quaresma pode ser vivida como uma espécie de namoro intensivo e extensivo, para não deixar esfriar o amor de Deus, “que corre o risco de apagar-se, nos nossos corações” (MQ 2018). De algum modo, a nossa conversão quaresmal passa pelos exercícios de aquecimento, de descida e de subida, degrau a degrau, na escada da Cruz.

**2.** E o primeiro degrau da escada do amor é a paciência (cf. 1 Cor 13,4). Esta paciência não é resignação nem conformismo, mas a virtude da resistência, para suportar as dificuldades do caminho e a lentidão e demora da mudança. A paciência é realmente uma qualidade do Deus da aliança, que sabe esperar por nós todo o tempo do mundo e que nos dá, mais uma vez, o tempo santo da Quaresma, para nos decidirmos a entrar na arca do Seu amor, para nos deixamos envolver no arco da Sua aliança! A história da salvação, desde o dilúvio, nos tempos de Noé, mostra-nos a infinita paciência de Deus, que conduziu e levou adiante o Seu povo, um povo de cabeça-dura, que nem sempre correspondia às suas expectativas. Paciência é também aquela que Deus Pai tem com cada um de nós, acompanhando-nos e esperando os nossos tempos, os nossos lentos passos, em direção a Ele.

**3.** Faz-nos muita falta esta paciência na vida familiar. É o atributo que São Paulo coloca à cabeça, quando descreve o amor cristão: o amor é paciente. Ter paciência não é deixar que nos maltratem permanentemente, nem tolerar agressões físicas, ou permitir que nos tratem como objetos. O problema surge quando exigimos que as pessoas sejam perfeitas, ou quando nos colocamos no centro, esperando que tudo se faça segundo o nosso ritmo, o nosso jeito e a nossa vontade. A paciência implica sabedoria para dialogar com os limites, na minha vida e na vida dos outros; mas a impaciência não os quer admitir, ignora-os porque não sabe dialogar com eles. Ora, se não cultivarmos a virtude da paciência, encontraremos sempre desculpas para responder com ira, acabando por nos tornarmos pessoas que não sabem conviver, incapazes de dominar os impulsos. E então a família tornar-se-á um campo de batalha. Esta paciência reforça-se quando reconheço que o outro, tal como é, mais lento ou mais apressado, mais calmo ou mais stressado, também tem direito a viver comigo nesta terra. O amor possui sempre um sentido de profunda compaixão, que leva a aceitar o outro como parte deste mundo, mesmo quando age de modo diferente daquilo que eu desejaria (cf. Papa Francisco, AL, 91-92).

**4.** Paremos um pouco, pensemos na paciência de Deus para connosco e imitemos a paciência de Jesus. Peçamos ao Senhor que nos dê paciência para suportar com alegria as provações da vida e aceitar com humor os limites, sem ceder à ira. À mesa, desliguemos o televisor, o telemóvel, o computador, e dialoguemos, em família, a partir destas perguntas: Sou capaz de aceitar o ritmo, o feitio e o modo de ser dos outros? Ou perco a paciência com a lentidão e o jeito de ser dos que me rodeiam?

**5.** E pelas vezes em que nos colocámos no centro do mundo e impusemos a nossa vontade… pelas vezes em que reagimos com agressividade, ira e azedume… pelas vezes em que não aceitámos os outros na sua maneira singular de ser e agir, peçamos perdão ao Senhor, que é lento para a ira (*Nm* 14,18; Ex 34,6) e rico em misericórdia.

**Homilia no I Domingo da Quaresma B 2015**

*“Abre a tua porta à alegria do Evangelho!”*

**1.** Que evangelho é esse, capaz de gerar tamanha alegria? O Evangelho é a “*boa notícia*”, de que Deus se fez próximo, que vem a ti, que vem para ti, que te quer salvar. É preciso, pois, que abras a porta do teu coração a esta oferta, que te entra pela casa dentro, a esta alegria do evangelho “*que enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele, são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento*” (EG1). O evangelho é essa oferta generosa da salvação, essa oportunidade de vida, essa alegria de seres amado, esperado e redimido por Cristo. Essa alegria está ao teu alcance: só é preciso que te voltes para ela! O Senhor bate à tua porta e chama-te! Ele convida-te a “*renovares o teu encontro pessoal, com Ele*”, ou “*pelo menos a tomares a decisão de te deixares encontrar por Ele*” (EG 2). Será que, na porta do teu coração, tens afixado um aviso a dizer: «*Estou ocupado*»? Abrir a porta é voltar-se para Deus, é dar oportunidade a este encontro pessoal com o Senhor.

**2.** E qual é a primeira porta a abrir? É a porta do «*arrependimento*»: “*Arrependei-vos e acreditai no evangelho*”, diz o Senhor.

**2.1.** Arrepender-se significa, em primeiro lugar, *chorar os próprios pecados*, chorar os pecados desta humanidade, que somos e temos. Precisamos de aprender a chorar, porque faz falta, diante da indiferença global, que alguém chore o pecado do mundo. “*Ao mundo de hoje falta o pranto! Choram os marginalizados, choram aqueles que são postos de lado, choram os desprezados, mas aqueles de nós que levamos uma vida, sem grandes necessidades, não sabemos chorar. Certas realidades da vida só se veem com os olhos limpos, pelas lágrimas. Se vós não aprenderdes a chorar, não sereis bons cristãos*”. E este é um desafio. Sede corajosos, não tenhais medo de chorar, pelos vossos pecados e pelos pecados dos vossos filhos!

**2.2.** Mas este chorar a tristeza dos nossos pecados é já também chorar de alegria. As pessoas só se apercebem do pecado, quando já estão fora da cela tenebrosa do pecado. Elas só podem ver o pecado, porque brilhou nos seus corações a luz da misericórdia. Ver os próprios pecados com verdadeira clareza é um privilégio dos santos. Muitas vezes, estes choravam com sinceridade os seus pecados, mas simultaneamente sabiam louvar a Deus, pela sua misericórdia. Por isso, arrepender-se não significa, dar lugar ao remorso, à culpa, ao medo do castigo. A culpa destrói a alegria. O remorso é o arrependimento, sem a esperança do perdão. Ora, aquilo que gera o temor no pecador não é o medo da condenação, mas a certeza da bondade de Deus e do seu perdão. Neste sentido, arrepender-se é sempre uma experiência de profunda alegria. Alguém perguntava a uma célebre mística muçulmana: “*Cometi muitos pecados: se me arrepender, Deus perdoar-me-á”?* E ela respondeu: *“Não. Tu arrepender-te-ás, se Deus te perdoar*”. É a experiência confiante do perdão de Deus, que me leva ao arrependimento.

**3.** Irmãos: Esta semana, abramos a porta do arrependimento. Podemos escrever na 1ª porta do puzzle o nome de três pessoas, com quem devemos mudar a atitude, passando da indiferença à atenção. Nesta semana, não deixemos de ter, para com essas três pessoas, uma atitude que aproxime, reconcilie, ajude, e que proporcione uma verdadeira alegria…É preciso vencer a indiferença, de modo pessoal e concreto. Com lágrimas de arrependimento e de alegria. Para que a nossa conversão seja isto simplesmente: “*Chorei e acreditei”* (R. Chateaubriand).

**Homilia no I Domingo da Quaresma B 2012**

**«*Vou estabelecer uma alianç*a» (*Gn*. 9, 8)**

**1.** O velho arco de guerra dá lugar ao arco-íris da paz e da esperança! E o deus dos exércitos e da vingança dá lugar ao Deus da nova aliança! Pela primeira vez, e por cinco vezes, a palavra aliança vem à superfície das águas, depois do grande dilúvio, que regenerou a Terra. Noé e a família, juntamente com os animais que ele pusera na arca, foram poupados pelas águas destruidoras! O arco-íris que aparece, pendurado na parede das nuvens, em tempo de bonança, é agora o sinal desta nova aliança: Deus mostra ao mundo que depôs o seu arco. O pecado permanecerá ainda na terra. Mas Deus não permitirá jamais a destruição fatal da sua criação. O seu projeto de amor para a família humana vencerá. Deus tornou-se nosso aliado, passou-se para o nosso lado! Já nenhum pecado poderá levar Deus a destruir o mundo por Ele mesmo criado!

**2.** A história assim relatada, nas primeiras páginas da Bíblia, pode parecer-nos um conto colorido, para ouvido de criança. Mas é mais do que isso. Diz-nos que, no princípio dos tempos, como nos tempos de agora, este mundo, que havia de ser a casa da vida, se tornou um caos, lugar de desordem e de morte. Resta apenas a arca de Noé, como casa da vida, onde há um pequeno resto, que é posto a salvo! A arca torna-se então uma espécie de terra flutuante e em miniatura, onde todos os elementos essenciais da vida são guardados! Esta arca de Noé tem, pois, um valor altamente simbólico. Ela lembra um ventre materno, onde a vida é guardada e defendida perante o caos exterior. E Noé, o construtor da arca, é aqui apenas o chefe de um grupo mais vasto, que ele representa. Há ainda a sua mulher, os seus filhos e as esposas dos seus filhos, numa palavra, uma família, que é poupada à destruição e fica como semente de esperança, de uma nova humanidade, em paz com Deus, em Paz com a criação.

**3.** Também hoje “*vivemos num mundo em que a família e até a própria vida se veem constantemente ameaçadas e, não raro, destroçadas*” (Bento XVI, Mensagem para o Dia Mundial da Paz 2012). A intervenção de Deus, pela promessa e pela aliança, consiste em preservar a criação e a família humana dos “assaltos” da corrupção e do mal, que a põem em risco, como espaço vital de cada ser humano! Assim, esta aliança com Noé, posto a salvo com a família, dentro da arca da vida, sugere a ideia de que, no meio deste mundo, a meter água por todos os lados, é preciso poupar a família à destruição, guardá-la a protegê-la, como verdadeiro tesouro! Ela é verdadeiramente “*o mais rico património da humanidade*”. Sem família, não há futuro! Façamos tudo uns pelos outros, pois nesta arca ou nesta barca, ninguém se salva sozinho. Não deixemos “*ir por água abaixo”* esta arca de aliança e de paz, que é a família humana! A família há de ser, por isso, no meio do caos e da desordem social em que o mundo de hoje vive, a verdadeira «*arca de* Noé», que nos serve de abrigo e refúgio!

**4.** Irmãos e Irmãs: renovemos em nós mesmos, especialmente neste período quaresmal, a consciência da nossa Aliança com Deus, nós que fomos salvos pelas águas do Batismo. O Batismo é, na verdade, o sacramento fundamental em que se atua a nova Aliança, estabelecida em Cristo, que por nós morreu e ressuscitou! E, no meio das ameaças e das tentações a que está exposta a nossa vida, dêmos particular atenção à família! Perante os dilúvios que nos esperam, toca-nos abrir mais os olhos e procurar nos céus, em Deus, um arco-íris de esperança.

**5.** E rezemos, em cada dia desta semana: *Senhor, guardai este tesouro, que é a nossa família, e que nunca se quebrem os laços do teu amor em nós! “Senhor, fazei de mim, um arco-íris de bem, de harmonia, de esperança. Ele será um sinal da vossa eterna aliança!”*

**Homilia I Domingo da Quaresma B – Missa com a Catequese 2012**

Estamos a iniciar a Quaresma. E o desafio que nos propusemos foi este: “*Juntos na arca da aliança”*.

**1.** Dizemos “*juntos*” porque todos sabemos que, nesta arca, ninguém se salva sozinho! E dizemos “*arca da aliança*” pensando não apenas naquela arca onde estavam guardadas as Tábuas da Lei, mas sobretudo na nossa família, que nasce do matrimónio, como verdadeira aliança no amor! A família é verdadeiramente a nossa “arca da aliança”, carregada de tesouros, como iremos descobrir, ao longo de toda a Quaresma.

**2.** A 1.ª leitura falava-nos hoje de outra arca, onde foram postos a salvo das águas do grande dilúvio, Noé e a sua família, com outros seres vivos, dois de cada espécie. Tal como na arca de Noé, é na família que nos sentimos bem, é na família que nos sentimos a salvo, protegidos das tempestades. Por isso, queremos antes de mais, que a nossa família seja uma “arca”, um ventre materno, uma terra em miniatura, onde somos poupados a todas as formas de violência e destruição! Façamos tudo, para não deixar ir *por água abaixo* a nossa família. Ela é o grande tesouro de Deus para nós. Pois, sem família, não há futuro para a humanidade!

**3.** Dizia a 1.ª leitura, que depois do dilúvio, a que foram poupados Noé e a sua família, oito pessoas apenas, Deus fez uma aliança com a humanidade! Deus não é mais o deus da vingança, mas um Deus de aliança. O seu arco não é mais um instrumento de guerra, mas um sinal de aliança e de paz! Sabemos pelas palavras da aliança, que Deus está do nosso lado. E que nos põe a salvo de toda a destruição! Deus não deixará que a terra se destrua; Ele não deixará que nossa vida, a vida da nossa família, vá por água abaixo. Esta promessa, esta aliança de amor, realizou-se de uma vez por todas em Jesus. Com o arco-íris da Cruz, Ele combateu por nós, pôs-nos a salvo, poupou-nos à destruição e à morte.

**4.** Queridos meninos e meninas, e falo especialmente àqueles que se preparam para o batismo: “*Lembrai-vos dos dias de Noé e vede com que paciência Deus nos esperava, enquanto se construía a arca, na qual poucas pessoas, oito apenas, (tantas como vós!) se salvaram através da água. Esta água aponta para o Batismo que agora nos salva, pela morte e ressurreição de Jesus Cristo*”. Na verdade, nós entramos no arco e na arca desta aliança, através do batismo. Somos salvos pelas águas do batismo! *“O Batismo é, por assim dizer o arco-íris divino sobre a nossa vida, a promessa do grande sim de Deus” (Bento XVI).*

**5.** Perante os dilúvios que ameaçam a vida e a família, é bom entrarmos juntos na “arca da aliança”, que é a família: a família de sangue e esta família da Igreja, em que nunca estamos sós!

Saibamos, então, no meio das ameaças e das desgraças, abrir os olhos e procurar em Deus um arco-íris de esperança! E rezemos, em cada dia desta semana:

*Senhor, guardai este tesouro, que é a nossa família, e que nunca se quebrem os laços do teu amor em nós!*

*Senhor, fazei de mim, um arco-íris de bem, de harmonia, de esperança. Ele será um sinal da vossa eterna aliança!*

**Homilia I Domingo da Quaresma B – Festa da Palavra**

Estamos a iniciar a Quaresma. E o desafio que nos propusemos foi este: “*Juntos na arca da aliança”*.

**1.** Dizemos “juntos” porque todos sabemos que, nesta arca, ninguém se salva sozinho! E dizemos “arca da aliança” pensando não apenas naquela arca onde estavam guardadas as Tábuas da Lei, mas sobretudo na nossa família, que nasce do matrimónio, como verdadeira aliança no amor. A família é verdadeiramente a nossa “arca da aliança”, carregada de tesouros, como iremos descobrir ao longo de toda a Quaresma.

**2.** A 1ª leitura falava-nos hoje da arca de Noé, onde foram postos a salvo Noé e a sua família e outros seres vivos. Tal como na arca de Noé, é na família que nos sentimos bem, é na família que nos sentimos a salvo, protegidos das tempestades. Por isso, queremos antes de mais, que a nossa família seja uma “arca” onde somos poupados a todas as formas de violência e destruição. Devemos fazer tudo, para não deixar ir por água abaixo a família. Ela é o grande tesouro de Deus para nós. Pois, sem família, não há futuro para a humanidade.

**3.** Mas voltemos a esta palavra “aliança”, que, ao mesmo tempo, diz respeito à Bíblia e à Família. Esta palavra “aliança” aparece-nos hoje 5 vezes, na 1ª leitura que escutávamos. É uma palavra muito importante na Bíblia. Tão importante que até dizemos que a Bíblia se divide em Antigo e Novo Testamento ou, dito de outro modo, em Antiga e Nova aliança.

**4.** Esta palavra «aliança» é a que melhor nos diz o amor de Deus por nós, a sua vontade firme em nunca desistir de nos amar! Conhecemos o plano de Deus, a sua história de amor por nós, conhecemos as grandes etapas desta aliança, precisamente lendo a Bíblia. Lendo e meditando a Palavra de Deus percebemos melhor como o grande projeto de Deus é viver em ***aliança connosco***. E que nós vivamos esta «aliança» com Ele juntos em família.

**5.** Que esta Bíblia, posta nas vossas mãos, seja um mapa, que vos ajude a descobrir o tesouro precioso da aliança e do amor, que Deus nos tem, e que quer ver no coração e na vida das nossas famílias.

***HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II  
NA PARÓQUIA ROMANA DE SANTO ANDRÉ AVELINO***

**1.** «*Vou estabelecer uma alianç*a» (*Gn*. 9, 8).

A Liturgia da Palavra deste primeiro domingo da Quaresma apresenta-nos a aliança estabelecida por Deus com os homens e com a criação, depois do dilúvio, através de Noé.

Escutámos de novo as solenes palavras pronunciadas por Deus: «*Vou estabelecer uma aliança convosco, com a vossa descendência e com os demais seres vivos que vos rodeiam: não mais criatura alguma será exterminada pelas águas do dilúvio e não haverá jamais outro dilúvio para destruir a terra*» (*Gn*. 9, 9-11).

Esta aliança tem um seu típico valor no interior do Antigo Testamento. Deus, criador do homem e de todos os seres vivos, com o dilúvio tinha destruído, num certo sentido, tudo o que Ele mesmo havia criado. Essa decisão punitiva fora suscitada pelo pecado difundido no mundo, depois da primeira queda dos progenitores.

**As águas, contudo, tinham poupado Noé e a sua família**, juntamente com os animais que ele pusera consigo na arca. Deste modo, foram salvos o homem e os outros seres vivos que, tendo sobrevivido à punição do Criador, depois do dilúvio constituíram o **início de uma nova aliança entre Deus e a criação**.

**Essa aliança teve o sinal palpável no arco-íris**: «*Coloquei o Meu arco — diz Deus — nas nuvens para que ele seja o sinal da aliança entre Mim e a terra. Quando cobrir a terra de nuvens e aparecer o arco nas nuvens, recordar-Me-ei da aliança que firmei convosco*» (*Gn*. 9, 13-15).

**2.** As Leituras de hoje permitem-nos, então, olhar dum modo novo o homem e o mundo em que vivemos. O mundo e o homem representam, com efeito, não só a realidade da existência enquanto expressão da obra criativa de Deus, mas são também imagem da aliança. **A criação inteira fala desta aliança**.

No decurso das épocas da história os homens continuaram a cometer pecados, talvez até maiores do que aqueles descritos antes do dilúvio. Contudo, das palavras da aliança estabelecida por Deus com Noé compreende-se que já nenhum **pecado poderá levar Deus a destruir o mundo por Ele mesmo criad**o.

A Liturgia deste dia abre aos nossos olhos **uma visão nova do mundo**. Ajuda-nos a tomar consciência do valor que o mundo tem aos olhos de Deus, o Qual inscreveu a inteira obra da criação na aliança contraída com Noé, e Se empenhou em salvaguardá-la da destruição (…)

**3.** Escreve São Pedro na sua primeira Carta: «Também Cristo morreu uma vez para sempre pelos nossos pecados — o Justo pelos injustos... Foi com este espírito que Ele pregou aos espíritos que estavam no cárcere, àqueles que outrora, nos dias de Noé, tinham sido rebeldes, quando Deus aguardava com paciência, enquanto se construía a arca, na qual poucas pessoas, oito apenas, se salvaram sobre as águas» (1 *Ped*. 3, 18-20).

Estas palavras de Pedro fazem referência à aliança de Noé, da qual nos falou a primeira Leitura. **Esta aliança representa um modelo, um símbolo, uma figura da Nova Aliança contraída por Deus com a humanidade inteira em Jesus Cristo, por meio da Sua morte na Cruz e da Sua ressurreição.**

Se a antiga aliança interessava antes de tudo a criação, a Nova Aliança, fundada sobre o mistério pascal de Cristo, é a Aliança da Redenção.

No texto que escutámos, o apóstolo Pedro refere-se ao sacramento do Batismo.

As águas destruidoras do dilúvio cedem o lugar às águas batismais que santificam. **O Batismo é o sacramento fundamental em que se atua a Aliança da redenção do homem**. Desde a origem da tradição cristã toda a Quaresma era uma preparação para o Batismo, administrado aos catecúmenos na solene Vigília da Páscoa.

**4.** Irmãos e Irmãs, renovemos em nós mesmos, especialmente neste período quaresmal, a **consciência da nossa Aliança com Deus**. Deus estabeleceu uma Aliança com Noé e inscreveu-a na obra da criação. Cristo, Redentor do homem e do homem todo, completou a obra do Criador com a Sua morte e a Sua ressurreição.

Fomos remidos pelo sangue de Cristo. Cristo morreu uma vez para sempre pelos nossos pecados, o Justo pelos injustos. Amém!

**HOMILIA NO I DOMINGO DA QUARESMA B 2009**

**1.** Batizado nas águas do Jordão, Jesus parte sozinho para o deserto, a fim de se preparar, para a bem dura prova da sua missão pública. Curiosamente, a palavra “deserto” (midbar), na língua hebraica, tanto pode significar “lugar solitário”, como traduzir esta afirmação: “Eu falo”. Nesse sentido, o deserto é, ao mesmo tempo, o lugar do silêncio e é o lugar da Palavra, que esse silêncio nos guarda!

**2.** À semelhança de Jesus, também São Paulo, depois da conversão e do batismo, partiu para o deserto. Diz o Apóstolo: *“quando aprouve a Deus revelar o seu Filho em mim, para que o anuncie como Evangelho entre os gentios, não fui logo consultar criatura humana alguma, nem subi a Jerusalém para ir ter com os que se tornaram Apóstolos antes de mim. Parti, sim, para (o deserto d)a Arábia e voltei outra vez a Damasco*”(Gal.1,15-17). Assim, ao seu primeiro arrebatador e entusiástico início, seguir-se-ão, para São Paulo, os tempos de silêncio e provação. Não estranhamos: a resposta à vocação implica um distanciamento de muitas vozes e ruídos, uma verdadeira experiência de escuridão, dúvida e prova (cf. Act. 9,8-9; 22,11.13). Paulo não tem pressa em anunciar. Sente a necessidade de continuar a lavar-se por dentro, no deserto da Palavra. Nesta perspetiva, Paulo acompanha-nos no nosso caminho com Cristo, através do deserto. Ele serve-nos de guia espiritual, neste tempo forte, em que somos chamados a consultar Deus, a escutar a voz íntima, para nos convertemos a Ele, para participarmos da vida nova da ressurreição.

**3.** Frequentemos então este deserto, jejuando, como Jesus, para dar prioridade “*a toda a Palavra que nos vem da boca de Deus*” (Mt.4,4)! Devíamos criar este deserto, a partir do ambiente austero e silencioso das nossas famílias. Porque não, pais e filhos, combinarem um tempo de silêncio e Oração em comum, à custa de um jejum de TV ou de uns tempos de café? Isso obrigar-nos-á, porventura, a silenciar muitas outras palavras, para as quais os nossos ouvidos estão bem mais dispostos e predispostos! É dessas «*palavras*», do ruído de outras vozes, com que a rádio, a televisão, a *internet*, a *playstation*, o mp3/4, o telemóvel, nos distraem, que precisamos agora de jejuar, para nos oferecermos ao Senhor, como um Povo bem-disposto faminto da Sua Palavra!

De certo modo, - e este desafio é sobretudo para os mais novos - é preciso desconectar-se um pouco das novas tecnologias da informação, diversão e comunicação, para se “*conectar mais intimamente com Deus*”. Como diz um antigo hino quaresmal, «*usemos de modo mais sóbrio palavras, alimentos, bebidas, sono e jogos, e assim permaneçamos mais atentamente vigilantes*». Tenhamos, por isso, um maior compromisso na Oração, na “Lectio Divina”, no recurso ao Sacramento da Reconciliação e na participação ativa na Eucaristia, sobretudo na Santa Missa Dominical. E por que não na missa diária?! As propostas de cada semana, destinam-se a ***consultar, a gravar, a viver e a rezar a Palavra***, que ressoa no deserto das nossas vidas.

**4.** Mas – insisto - não há deserto, sem experiência de jejum.E nós jejuamos, não apenas, para nos dominarmos, mas também para nos darmos aos outros. Usamos e gastamos menos, para podermos ser e dar mais. “*Escolhendo livremente privar-nos de algo para ajudar os outros, mostramos concretamente que o próximo em dificuldade não nos é indiferente*”. Tem particular atualidade, no atual contexto de crise social e económica, este jejum, que eu definiria sobretudo *por um estilo de vida mais sóbrio*. Com tantas famílias em dificuldades, com o desemprego a deixar na miséria mesmo os mais remediados, impõe-se um jejum. É uma espécie de «*greve de fome*», um protesto solidário com os pobres, um grito silencioso contra a crise. De facto, o jejum – nas várias formas expressivas da sobriedade de vida e de consumo – aviva e reaviva em nós o amor, abre no nosso coração a fonte da partilha. Não faz barulho, mas dá frutos de justiça e de caridade. Então, que “*a Quaresma seja valorizada, em cada família, para afastar tudo o que distrai o espírito e para intensificar o que alimenta a alma, abrindo-a ao amor de Deus e do próximo*”.

**5.** O que mais importa mesmo é chegar à Páscoa, *de alma e coração lavados*; já fomos lavados na água do Batismo; agora, com a crosta do tempo, teremos de ser **lavados a seco**! Para isso, vamos, com Cristo, como Paulo, ao deserto. Vamos a banhos de areia! E silêncio … que Deus está aqui tão perto!

**Homilia no I Domingo da Quaresma B 2006**

*«Nem só de Pão, vive o Homem, mas de toda a Palavra, que sai da boca de Deus»*!

**1.** A frase vem de tempos antigos. Moisés fez dela lição de uma história, quando disse ao Povo de Deus: «*O Senhor te humilhou e fez passar fome; depois, alimentou-te com esse maná, que nem tu nem teus pais conhecíeis, para te ensinar que nem só de pão vive o homem. Mas de toda a Palavra que sai da boca do Senhor é que o homem viverá*» (Deut.8,3).

Jesus valeu-se dessa frase (Mt.4,4), para responder a uma das provocações do Tentador, que o desafiava a transformar *pedras em pão*! Sem negar a necessidade e o direito *ao pão de cada dia*, Jesus faz sentir que há, no coração humano, necessidades mais profundas, outra fome de amor e de plenitude, uma ânsia de verdade e de beleza, um desejo de sabedoria e de paz, enfim uma fome de Deus, que nenhuma côdea de Pão pode matar. Ao partir para o deserto, Jesus procura dar resposta a essa necessidade íntima do coração. Jesus manifesta que há nEle e dentro dEle, em nós e dentro de nós, espaços, que precisam de ser habitados e que não se enchem ou preenchem, com a barriga cheia!

**2.** Consciente disso, Jesus vem do deserto, ao encontro do seu Povo, e não lhe oferece, de imediato, ***o pão de cada dia***. Jesus traz a Boa Nova do Reino, como oferta de sentido para a vida. Anuncia o *Evangelho de Deus*, como fermento, semente e esperança de um mundo novo. Doravante, Deus faz-se ver em Jesus e faz-se ouvir na sua *Palavra*. O verdadeiro discípulo de Jesus, precisa dessa Palavra, *como de pão para a boca*! E nesse sentido, o próprio Pão se torna um Símbolo da Palavra!

**3.** Mas que significa, - irmãos e irmãs - no concreto, e para nós, dizer que «*nem só de Pão vive o Homem, mas de toda a Palavra que sai da boca de Deus»*. Ou dito, de modo simples, que significa, na prática, tomar o Pão, como símbolo da Palavra? Que significa realmente dizer que a *Palavra é Pão*?

**3.1.** Significa, *em primeiro lugar*, que a Palavra de Deus, é dada ao Homem, como alimento, como sustento, como fortalecimento, como algo de essencial e de vital à sua existência cristã. O cristão ouve e lê a Palavra, como quem leva o pão para a boca. Meditar essa Palavra, relacioná-la com a vida, é como que mastigar e triturar esse Pão; rezar, em resposta à Palavra, é como descobrir o sabor do Pão, que se come. Por fim, à luz dessa Palavra, é possível contemplar a vida, com outros olhos. É um pouco como quem fica a gozar e a saborear o pão que comeu e do qual recebeu vigor!

**3.2.** Em *segundo lugar*, dizer que a *Palavra é Pão*, é também reconhecer que esse Pão, deve ser partilhado com os outros. Cabe-nos oferecer a todos o *Pão da Palavra*, pela qual Deus forma e transforma o homem. O cristão sabe bem que, quem não dá Deus, dá demasiado pouco! A primeira pobreza dos povos é não conhecer Cristo. A nossa Caridade, nesta Quaresma, será sobretudo ter a ***mesa posta e proposta da Palavra de Deus***! Essa Palavra é a semente que pode levedar a mudança do mundo e transformar pedras em pão!

**3.3.** Em *terceiro lugar*, dizer que a Palavra é Pão, é dizer, de outra forma, que «***quem dá Pão, também dá educação***». Aquele que vê a necessidade do outro, e provê de pão para lhe dar comer, olha-o também em profundidade, *«como um mistério incomensurável, digno de infinito cuidado e atenção»* (Bento XVI, MQ 2006). E por isso, dá-lhe mais do que Pão. Dá Educação! A *educação* para os valores religiosos, a formação das atitudes, a aprendizagem do amor, são exigências do coração humano, a que é preciso responder. A própria *Escritura, inspirada por Deus, «é útil para ensinar, corrigir e educar na justiça, a fim de que o Homem de Deus seja perfeito*» (II Tim.3,16).

**3.4.** Por último, dizer que a *Palavra é Pão*, significa perceber que a *Palavra se faz Pão*, na Eucaristia. O discípulo de Jesus, que se senta primeiro à mesa da Palavra, é por ela conduzido à mesa da Eucaristia, onde reconhece Jesus, ao partir do Pão (Lc.24,21.35). Por isso, a Igreja tem pelas Escrituras a mesma veneração que tem pelo Corpo de Cristo! Foi esse o sentido da Entronização da Bíblia, no início desta Celebração. É essa a razão de fazermos Festa com a Palavra, neste dia, e ao longo de toda a Semana.

Que os tempos de *Oração* e celebração, nos disponham à escuta da Palavra. Que os *jejuns de TV*, nos façam sentir a fome da Palavra! Que a Caridade nos leve a partilhar a Palavra, com quem mais desconhece Cristo. Pois *«nem só de Pão, vive o Homem, mas de toda a Palavra, que sai da boca de Deus»*!

**Homilia ( = 4ª feira de Cinzas)**

“***Arrependei-vos e acreditai no Evangelho****!*” (Mc.1,5)

**1.** Este é um apelo, cheio de atualidade e de significado, sobretudo para estas comunidades que iniciam, significativamente, a sua Quaresma, com uma Semana Bíblica. Todo este «*tempo privilegiado de peregrinação interior*» (Bento XVI, Mensagem para a Quaresma 2006) será, para nós, como que um caminho de regresso, às fontes da Palavra de Deus!

***Primeiro apelo: Arrependei-vos!***

Em todo este tempo favorável, seremos convocados e provocados, em ordem a uma *conversão da mente, do coração e da vida*. E com quem nos havemos de confrontar nós, para fazermos um sério discernimento da própria vida? Obviamente, com a Palavra de Deus. Por isso, esta Palavra, será entronizada, no próximo Domingo, para que esteja sempre *perto de nós e diante de nós*, como um espelho (Tg.1,24), a apontar a figura do que somos e do que somos chamados a ser.

***Segundo apelo: Acreditai no Evangelho!***

Donde vem a fé? A vem de ouvir a Palavra de Deus! (cf. Rom.10,17) E como hão de ouvi-la se não tiverem quem a anuncie? (Rom.10,15). De facto, a primeira e mais preciosa contribuição que a Igreja pode oferecer ao desenvolvimento do homem e dos povos é o anúncio da verdade de Cristo, da sua Palavra. A sua Palavra é a Verdade! Esta Palavra será semeada com abundância, ao longo deste tempo, nas vossas casas, na nossa casa. Centraremos então a nossa Quaresma, na Palavra de Deus, a qual, uma vez escutada com o coração gera a fé, constrói a comunhão e nos revela os caminhos da caridade e da missão!

**2. *Que meios nos podem ajudar a valorizar, na prática, a Palavra de Deus?***

Na Tradição da Igreja apontam-se ***três atitudes fundamentais***, que podem favorecer o primado da Palavra de Deus na nossa Vida.

***2.1. A Palavra escutada: Oração***

Antes de mais, a Palavra anunciada, precisa de ser escutada. Jesus falava-nos da ***Oração***. Da Oração, feita não de muitas palavras, como a dos pagãos (cf. Mt.6,7), mas daquela Oração, que é, no fundo, escuta e resposta à Palavra de Deus. Se alguns encontros bíblicos se fazem na casa de cada um, isso significa que somos chamados, aí precisamente, no segredo do nosso quarto, a encontrar espaço para rezar ao Pai em segredo. E como nos fala o Pai em segredo? Responde-nos o Concílio: «*Nos livros sagrados, o Pai que está nos céus vem carinhosamente ao encontro dos seus filhos para conversar com eles*» (Dei Verbum, 21). Em casa, na reunião da assembleia, nos encontros bíblicos, nos encontros do «*Rezar com a Bíblia*», às terças-feiras, podemos sempre escutar a Palavra de Deus. Fechai a porta do vosso quarto, não fecheis os vossos corações!

***2.2. A Palavra saboreada: o jejum***

Em segundo lugar, ***o jejum***. A relação entre o jejum e a Palavra é clara na advertência de Moisés ao Povo de Deus: «*O Senhor te humilhou e fez passar fome; depois, alimentou-te com esse maná, que nem tu nem teus pais conhecíeis, para te ensinar que nem só de pão vive o homem; mas de toda a Palavra que sai da boca do Senhor é que o homem viverá*» (Deut.8,3). A prioridade, que queremos dar à Palavra, obrigar-nos-á, porventura, a silenciar muitas outras palavras, para as quais os nossos ouvidos estão bem mais dispostos e predispostos! É dessas «*palavras*», do ruído de outras vozes, com que as revistas, a rádio e sobretudo a televisão nos distraem, que precisamos agora de jejuar, para nos oferecermos ao Senhor, como um Povo bem disposto (Lc.1,17) faminto da Sua Palavra!

***2.3. A Palavra vivida: a Caridade***

Por último, ***a esmola*** ou a caridade. De facto, a Palavra de Deus, que escutamos, revela-nos o Amor de Deus e impele-nos sempre à Caridade para com o próximo. Pois «*quem ama, cumpre toda a Lei»* (Rom.3,8). Mas se a Palavra de Deus, nos conduz à Caridade, e nos fortalece no amor, também a Caridade, por sua vez, nos impele ao anúncio da Palavra de Deus. Devemos, anunciar esta Palavra aos outros, na consciência de que «*a maior pobreza do homem e dos povos, é desconhecer Cristo*» (Beata Teresa de Calcutá, cit. por Bento XVI, Mensagem para a Quaresma 2006). Ora “*Quem desconhece as Escrituras ignora Cristo*” (S. Jerónimo) e essa ignorância é verdadeiramente uma pobreza, que reclama a caridade do anúncio da Palavra. Como os Apóstolos Pedro e João (cf. Act.3,1-11), nós não temos a esmola, o ouro ou a prata, que sobra do bolso, para dar a quem pede, à porta do Templo. Mas `”*em nome de Cristo*”, damos a sua Palavra a comer! Pois “*quem não dá Deus, dá demasiado pouco*” (Bento XVI, Mensagem para a Quaresma 2006). A nossa Caridade, nesta Quaresma, será sobretudo a mesa posta e proposta da Palavra de Deus!

**Homilia no I Domingo da Quaresma B 2003**

**1.** Na secura do deserto, Jesus não esteve ali, de certeza, a apanhar banhos de sol. Foi ao antigo lugar do silêncio e da prova, experimentar na pele a dureza da luta, para aí encontrar a força e o segredo da sua vitória, no combate contra o mal. Lugar da Aliança e da Palavra, da Oração e da Tentação, o deserto é um campo de areia mole e incerta de mais, para alguém se poder pôr em bicos de pés. O deserto é o palco da nossa rendição, em que o homem é chamado a depor as suas armas, para se entregar às mãos de Deus, como sua força, seu refúgio e baluarte. De lá Jesus veio. Da terra seca passando pelas águas do rio Jordão. E a sua palavra de ordem no meio do povo é simples: «*Já não há tempo a perder! Esta é a vossa oportunidade. Deus está no meio de vós. Só vos resta um caminho: arrependei-vos e acreditai no Evangelho*»!

2. **Reino de Deus!** É a palavra-chave do seu anúncio. Deus existe. Deus vive. Deus está presente e age no mundo, na nossa vida, na minha vida. Esse Deus veio até mim em Jesus Cristo. E oferece-me agora o Reino, quer dizer, propõe-me o dom de uma amizade, o dom da comunhão com Ele e por conseguinte, a graça de viver aqui e agora em aliança com o Deus vivo. E isto muda tudo. Se Deus está presente, então nada pode ser como dantes. Se está presente, não basta sabê-lo, e viver como se ele não existisse. Porque isso não é conhecê-lo.

**3.** Que fazer então para ter acesso a esta comunhão? «**Convertei-vos**» (Mc.1,15), diz Jesus. Esta é a sua palavra primeira. E esta é a tarefa principal que se nos afigura, ao começarmos a nossa Quaresma: **Convertei-vos.**

Que significa isto, de «conversão» se eu próprio me julgo já «convertido», se me vejo como alguém que está bem protegido debaixo do arco da aliança, ou “a salvo” na arca da Igreja, depois do grande dilúvio do Batismo? Converter-se, neste caso, significa: há que reconsiderar e pôr em questão o meu próprio modo de viver, e o modo de viver do comum das pessoas.Converter-se significa, por conseguinte, não viver como vivem todos; não fazer como fazem todos; não se sentir, por exemplo, justificado em ações duvidosas, ambíguas, perversas, simplesmente porque há muitos outros que também o fazem. Vivercomo todos vivem é afinal deixar de ter vida própria, para viver a vida dos outros. Pela conversão eu deixo de "viver como todos". E encontro perante Deus o meu próprio ser e por consequência a minha responsabilidade pessoal por todos os meus atos.

**4.** Tal supõe deixar entrar Deus nos critérios da própria vida; não julgar simplesmente de acordo com as opiniões correntes. Não apostar no juízo da maioria, mas no juízo de Deus. No fundo, é isso que significa viver e «**acreditar no Evangelho**».

**5.** Uma vida não convertida não passa, por isso, de uma autojustificação, em que cada um se desculpa dizendo de si para si: “*afinal não sou melhor nem pior do que os outros!*”. "Conversão" significa, pelo contrário, abandonar esta falsa e presunçosa «segurança» em que me apoio.

**6.** Quer dizer, conversão implica, da minha parte, rendição, coração desarmado. Sou um pobre. Um fraco tão fraco que só em Deus encontro a força. Sou um pobre, tão pobre que tenho necessidade do outro. Tão indigente que até tenho necessidade… da necessidade do outro. Preciso do outro e até preciso mesmo que o outro precise de mim. “Conversão” implica descobrir e aceitar esta indigência que tenho dos outros e responder à indigência que os outros têm de mim.Na certeza de que «há mais alegria em dar do que em receber» (Act.20.35).

**7.** Vai neste sentido e ajuda **o jejum quaresmal**, experiência «na carne viva» da nossa indigência. Se, por um lado, na fraqueza, o jejum me obriga a levantar para Deus os braços, em prece e **Oração**; por outro, me leva a estender a mão ao próximo, de quem preciso, até para **fazer bem** a mim mesmo. Se jejuo é porque nem só de pão vive o homem, mas de toda a Palavra que sai da boca de Deus. Mas se jejuo é também para que a Palavra de Deus em mim, se multiplique em pão na boca do meu irmão. Eis a marca de verdade da minha conversão.

**Homilia no I Domingo da Quaresma B 2000**

**1.** Da sede do deserto, ao desejo da água; do grande dilúvio sobre a terra, à purificação do batismo, iniciamos o nosso caminho para a Páscoa, sob a intensa luz do arco-íris.

Disse «sob a intensa luz do arco-íris», querendo assim definir todo o arco do tempo e da vida, onde o mistério de Deus toca a nossa história e a ilumina inteiramente. A nossa peregrinação, com Cristo, para a Páscoa, não pode tornar-se uma *fuga para a frente*, como se metêssemos a *cabeça na areia*, sobretudo quando há tantas nuvens na nossa vida. há de ser, pelo contrário, um mergulho fundo e profundo nas águas do Batismo, onde se reflete a nossa verdadeira imagem de filhos de Deus.

**2.** Foi essa a experiência de Jesus, no deserto. Uma vez batizado nas águas do Jordão, procurou as areias da solidão, onde só Deus basta. Declarado no Batismo como «o Filho Dileto» do Pai, é impelido pelo Espírito Santo ao lugar da prova e da intimidade, ao lugar do silêncio e da verdade, ao lugar do nada e do essencial. Aí, na secura extrema do deserto, Jesus toma a consciência da frescura original do seu Batismo. Aí, tentado a existir fora de Deus, a saltar fora do arco da aliança, Jesus escolhe viver como Filho, no amor do Pai. Aí cala e domina os espíritos *rebeldes* deste nosso mundo interior, que sempre nos convidam a viver fora de Deus. Jesus sai vitorioso da tentação. Vive e testemunha a sua fidelidade à aliança, no mesmo lugar onde o Povo de Deus tantas vezes a pusera em causa.

**3.** Propomo-nos, assim, também nós, nesta Quaresma, não tanto o esforço heroico de uma penitência a todo o custo, mas a descoberta essencial desse elo que nos une a Deus: a aliança. A aliança que abraça o Céu e a Terra, que liga Deus e o Homem, o Homem e os seus irmãos, todos juntos e a Criação, no arco do tempo, na grande arca da vida.

Essa aliança foi selada no dia do nosso Batismo, sacramento pelo qual fomos «*salvos através da água*», tomados por Deus, como filhos a seu cuidado, abraçados inteiramente no seu amor de Pai. O Batismo é, para nós, o princípio e o primeiro sinal da aliança. Daquela aliança, em que Deus se oferece à nossa Vida, como nos tempos de Noé, sem cláusulas, nem contrapartidas, sem desistir jamais de nós, nem se negar nunca ao seu amor. Pelo Batismo, participamos desta Aliança, desta comunhão de vida e amor, dada por Deus ao Homem, sem esforço, nem mérito algum da nossa parte. Apenas, por Amor! Deus permite-se, nas águas do nosso Batismo, descer ao fundo da nossa condição, para nos tirar da lama e da morte, para daí nos fazer voltar à vida nova da ressurreição.

**4.** Com efeito – no dizer da Carta de São Pedro - «*esta água é figura do Batismo que agora nos salva, que não é uma purificação da imundície corporal, mas o compromisso para com Deus de uma boa consciência*». Uma consciência viva dos efeitos e das exigências do batismo. Pois batizar não é passar por água, é mergulhar no imenso amor de Deus, derramado em nossos corações e optar por uma vida digna da condição nova de filhos de Deus.

Sem as lágrimas da penitência, do arrependimento e do pedido de perdão, não há dilúvio nem água que faça surgir e brilhar de novo o arco-íris da aliança.

**Homilia no I Domingo da Quaresma 1997**

«*Naquele tempo, o Espírito Santo impeliu Jesus para o deserto!*». Antes de partir para o meio do mundo, Jesus deixa-se conduzir pelo Espírito. Para que jamais o possa mover o desejo humano, mas sim impelir o amor divino.

Antes de rasgar caminhos por entre as suas gentes, Jesus procura, no silêncio, conhecer os segredos de Deus. Para que não se deixe entusiasmar por um plano seu, mas prossiga guiado pela vontade do Pai.

Antes de pregar o Evangelho ao povo, Jesus isola-se do ruído das pessoas, para escutar, obediente, a voz do Alto. Para que não fale de si e de cor, mas revele ao mundo e dê testemunho da Palavra Eterna do Amor do Deus vivo.

Antes de apanhar os «*banhos de multidão*», Jesus sujeita-se a uma espécie de «*banho de areia*», para ver “limpo” a sua verdade e pôr a nu a sua condição...

Antes de ouvir os aplausos entusiastas de alguns ou de sentir a reprovação de tantos outros, Jesus liberta-se do cerco de todas as pressões e opiniões. Para que possa decidir livre e seguir firme pelos caminhos do amor e da verdade.

Por isso, em vez do mar profundo e agitado, em vez da larga e cómoda planície, em vez das altas e vistosas montanhas...*o deserto*. Sem nada que distraia, sem nada que iluda, sem nada que confunda, sem nada a que se apegue, sem humana companhia, livre de qualquer apoio que o pudesse empurrar. Jesus ali está. Só, de facto. E quanto mais só, mais tentado. Provado, na sua escolha e na sua resistência, mas não abandonado à sua sorte... Mas inteiramente confiado às mãos do Pai. Portanto, livre como ninguém, de qualquer influência. Em Paz com Deus e com os anjos...na mais nua e crua verdade do seu Caminho. E então, chegada a hora, parte. A pregar a Boa Nova do reino. A chamar à conversão. Sempre «a abrir» por caminhos de verdade e amor...

E nós cá estamos, com Jesus, no início do nosso caminho para a Páscoa. Antes ainda do banho da água batismal, por onde um dia todos já passámos, há que ir ao deserto, para um *«banho de areia*», que há muito não fazemos. Não para «*remover a imundície corporal*», mas para tirar esta «crosta de pecado» que nos desfigura e pôr a nu a imagem de Cristo vivo selada em nós. Vamos ao deserto, para que, longe do ruído alheio e das influências do mundo, possamos reatar o elo que nos une a Deus e renovar a aliança que nos liga a Ele. Em oração, em silêncio. A sós. Com Ele.

A Quaresma é, em certa medida, um exercício de «*higiene mental*» porque nos «*retira do habitat*» da cidade que nos prende e sufoca, para nos conduzir ao isolamento do deserto, onde somos e estamos livres de tudo e de todos. Aí, sim, podemos optar, segundo a verdade do que somos, sem depender de opiniões alheias, sem sofrer da pressão mental do meio social em que vivemos.

Num tempo em que a *privacidade do espírito* é tão violada pela opinião dominante, pelo que é «*in*» ou está na moda, a Quaresma revela-se como um exercício de «*purificação espiritual*», oferecendo-nos um espaço e um tempo para retomar o nosso diálogo interrompido com Deus e escutá-lo, sem interferências, no *santuário íntimo da nossa consciência*... É aí que se trava a grande luta e se decide o combate.

Jesus, vencedor, está connosco e do nosso lado. Não nos falte nem o tempo nem a liberdade para passar para o lado d’Ele e estar com Ele. E escolher segui-Lo, vitoriosos, por caminhos novos de verdade e amor...

**Homilia no I Domingo da Quaresma B 1994**

**1. Das máscaras à Verdade...**

Foi Carnaval, a festa das máscaras, do riso e da ilusão. Por momentos cada um encontrou uma forma de disfarce, um outro rosto, sem exigência nem responsabilidade. A vida real tende a disfarçar-se de máscaras. Somos assim, à imagem do Carnaval... Acabado o intervalo entre a ilusão e a Vida, voltamos à Verdade: sem máscaras, assumimos a coragem de nos olharmos em frente. Ao frenesim das ruas, casinos, sociedades recreativas e salas de espetáculo, segue-se agora o apelo sereno ao deserto...

**2. No caminho do deserto...**

Ao sair da terra da servidão, a caminho da Pátria da Liberdade, o Povo de Israel passou pelo deserto. Foi um longo e duro caminho. Na falta de tudo, só podia esperar de Deus. Na necessidade extrema só restava confiar na presença do Senhor ou então, desistindo, regressar ao passado de servidão. É nesta privação que o Homem apela para Deus como seu único refúgio. Por isso, ao passar pelo deserto, o Povo de Israel encontrou-se com o seu Senhor. *Ali Deus estabeleceu uma aliança de amor*, um compromisso irrevogável de fidelidade, de companhia solidária, de presença viva entre o seu povo peregrino. Era ao deserto que Deus reconduzia o seu povo, sempre que lhe queria falar ao coração, entrar na sua intimidade, num «namoro» não interrompido por nada. O deserto tornou-se o lugar do diálogo, das pazes feitas e a fazer, da aliança recordada, revivida e a viver.

Mas o deserto é também o *lugar da prova, da tentação e da luta*. Despido de tudo, o deserto é o lugar de nada, onde o Homem experimenta o desencanto, o cansaço, a fome e a sede, a desorientação e o desânimo. É o lugar da tentação, a tentação de voltar atrás, de esquecer a aliança, de desfazer o pacto, de desistir do longo e difícil caminho das mudanças. Na provação o Homem escolhe ou recusa Deus como seu único Senhor. É a hora da Verdade, o teste da fidelidade nas horas difíceis. E foi então no deserto que o Povo de Deus, tentado a abandonar a aliança, caiu...

**3. Com Jesus vencedor!**

Jesus foi ao deserto. Fugiu dacidade confusa para se refugiar na intimidade serena com o Pai. E no lugar onde o povo foi chamado à comunhão e falhou, Ele venceu a sedução do mundo e voltou-se para ele com um grito de mudança: **Cumpriu-se o tempo. Está próximo o Reino de Deus. Arrependei-vos e acreditai no Evangelho!**

Estamos em Quaresma. Chamados a fazer com Cristo a experiência do deserto. A Quaresma é um longo retiro. Tempo para nós reencontrarmos no deserto a frescura da água do batismo em que fomos salvos. É tempo de recordar, rever e reviver a aliança de amor que Deus fez connosco no nosso batismo. É oportunidade de voltarmos à consciência do nosso batismo, à verdade do que somos, sem máscaras nem disfarces. É tempo de nos libertarmos do acessório, do que estorva e está a mais, para nos fixarmos no essencial. É tempo de nos encontrarmos com a nossa Verdade, com a verdade dos nossos limites e pecados, para nos abrirmos ao dom da Conversão, da mudança. É tempo de sair da comodidade do fácil para experimentar o despojamento...

Devíamos criar este deserto a partir do ambiente austero e silencioso, moderado e íntimo das famílias. Porque não pais e filhos combinarem um tempo de silêncio e Oração em comum, à custa de um jejum de TV ou de uns tempos de café? Porque não um Crucifixo decorado com flores onde cada dia nos puséssemos em alguns minutos de silêncio e adoração? Porque não entre a família combinar a renúncia da sobremesa, e até a renúncia do habitualmente necessário? Sem esquecer a oração pessoal, a esmola anónima e o jejum que só cada um sabe... porque não ser a família a estabelecer um programa de deserto para esta Quaresma?

Que este apelo de conversão seja vivido no coração de cada família. E assim cada uma das nossas famílias seja reflexo vivo daquela aliança de amor que o Senhor fez connosco e jamais esquecerá. *«Arrependei-vos e acreditai no Evangelho»*!

**Homilia I Domingo da Quaresma B – Festa da Palavra**

**1.** Acabámos de ouvir a Palavra de Deus! «*Nos livros sagrados, o Pai que está nos céus vem carinhosamente ao encontro dos seus filhos para conversar com eles*» (Dei Verbum, 21).

**2.** Mas obviamente Deus não nos disse tudo de uma vez. O seu plano foi-se revelando, como num filme, por cenas diferentes, por etapas…

**2.1.** A primeira etapa é a criação o mundo para o Homem. Quando *criou o mundo*, pela força da sua Palavra, Deus deixa uma mensagem inscrita na beleza e na perfeição da natureza. De certo modo, a própria *criação* manifesta o poder e a grandeza de Deus. Deus cria o mundo, por amor… cria-o a pensar no Homem, para fazer dele seu companheiro e amigo.

**2.2.** O *grande desígnio*, o grande desejo, o grande projeto inicial de Deus é viver em ***aliança connosco***. Por isso, quando o Homem perdeu a amizade com Deus, desviando-se dele, Deus repetidas vezes contraiu aliança com os homens.

**2.2.1.** A 1ª leitura falava-nos *da* ***aliança com Noé***, representada no arco-íris. Deus como que deseja fazer de todas as nações, raças, povos e línguas, uma só família…

**2.2.2.** Mas depois seguir-se-á a Promessa a Abraão, a aliança com Moisés. Virão, mais tarde, os *profetas* recordar a fidelidade à aliança e chegam mesmo a anunciaruma ***nova e eterna aliança***, que se cumprirá em Jesus Cristo. Em Jesus Cristo, Deus faz-se ver. E diz quem é e o que quer de nós!

**3.** **Conhecemos este plano de Deus, a sua história de amor por nós, as etapas desta aliança, a Palavra de seu Filho, a partir da Bíblia**. **AT e NT** significam «antiga» e «nova aliança». Se queremos conhecer a vontade de Deus, a nosso respeito, se queremos conhecer o pensamento de Cristo, se queremos ser guiados pelo Espírito Santo, temos sempre de tomar contacto com a Palavra de Deus. Pela Palavra, Deus fala-nos, revela-se, mostra-se, diz quem é e diz o que somos chamados a ser…

**4.** “*É tão grande a força e a virtude da Palavra de Deus, que ela se torna para a Igreja, apoio e vigor, e, para todos nós, solidez na fé, alimento da alma, fonte pura e perene da vida espiritual*” (DV 21). Dito de outro modo, a Palavra de Deus torna-se verdadeiro «*Pão*» da nossa vida. O verdadeiro discípulo de Jesus, precisa dessa Palavra, *como de pão para a boca*! E nesse sentido, o próprio Pão se torna um Símbolo da Palavra!

**5.** Mas que significa, - irmãos e irmãs - no concreto, e para nós, dizer que «*nem só de Pão vive o Homem, mas de toda a Palavra que sai da boca de Deus»*. Ou dito, de modo simples, que significa, na prática, tomar o Pão, como símbolo da Palavra? Que significa realmente dizer que a *Palavra é Pão*?

**5.1.** Significa, *em primeiro lugar*, que a Palavra de Deus, é dada ao Homem, como alimento, como sustento, como fortalecimento, como algo de essencial e de vital à sua existência cristã. Não basta, ter pão para comer… roupa para vestir… Há no coração humano, uma fome de Deus, que precisa de alimento…

**5.2.** Em *segundo lugar*, dizer que a Palavra é Pão, é dizer, de outra forma, que «***quem dá Pão, também dá educação***». Não basta dar Pão. A *educação* para os valores religiosos, a formação das atitudes, a aprendizagem do amor, são exigências do coração humano, a que é preciso responder. A própria *Escritura, inspirada por Deus, «é útil para ensinar, corrigir e educar na justiça, a fim de que o Homem de Deus seja perfeito*» (II Tim.3,16).

* 1. Por último, dizer que a *Palavra é Pão*, significa perceber que a *Palavra se faz Pão*, na Eucaristia. O discípulo de Jesus, que se senta primeiro à mesa da Palavra, é por ela conduzido à mesa da Eucaristia, onde reconhece Jesus, ao partir do Pão (Lc.24,21.35). Por isso, a Igreja tem pelas Escrituras a mesma veneração que tem pelo Corpo de Cristo! Foi esse o sentido da Entronização da Bíblia, no início desta Celebração. É essa a razão de fazermos Festa com a Palavra, neste dia, e ao longo de toda a Semana. (Vamos fazer a Entrega da Bíblia). Para, dia a dia, ano a ano, conhecer a nossa história de Povo de Deus e descobrir os caminhos de Deus para a nossa Vida.

**1.** Só secundariamente a Quaresma «prepara» para a Ressur­reição do Senhor. Na verdade, todos os «Tempos» e todos os Domingos do Ano Litúrgico – portanto, também a Quaresma e os seus Domingos – estão depois da Ressurreição e por causa da Ressurreição. E é só sob a intensa luz do Senhor Ressusci­tado com o Espírito Santo (Baptismo consumado: Lucas 12,49‑50) que a Igreja – e cada um de nós – pode celebrar autenti­camente a sua fé, proceder à correcta «leitura» das Escri­turas e encetar a «caminhada» quaresmal. Neste sentido, todos os baptizados são chamados a refazer com Cristo bapti­zado o seu programa baptismal, cujo conteúdo e itinerário conhecemos: desde o Baptismo no Jordão, passando pela Trans­figuração / Confirmação no Tabor, até à Cruz eà Glória da Ressurreição (Baptismo consumado!), escutando e anunciando sempre e cada vez mais intensamente o Evangelho do Reino e fazendo sempre e cada vez mais intensamente as «obras» do Reino (Actos dos Apóstolos 10,37-43: texto emblemático); os catecúmenos, acompanhados sempre pela Assembleia dos baptizados, «pre­param‑se» intensamente para a Noite Pascal Baptismal, início e meta da vida cristã.

**2.** O Evangelho deste Domingo I da Quaresma (Marcos 1,12-15) oferece-nos a figura de Jesus, acabado de apresentar pelo Pai como «o Filho meu, o amado, em quem está o meu comprazimento» (Marcos 1,11), como sintetizador perfeito da vida do povo de Israel. Eis, portanto, Jesus impelido pelo Espírito no deserto, durante quarenta dias tentado por satanás, em harmonia com os animais selvagens, servido pelos anjos (Marcos 1,12-13). Excelente analepse em que o narrador faz Jesus descer ao chão de Israel, para assumir as suas fragilidades, elevando a dura realidade do pecado do povo, do nosso pecado, a um registro de salvação. O deserto foi lugar de tentação e de queda para o povo de Israel durante quarenta anos, o tempo de uma geração, uma vida inteira, o tempo todo. Mas o deserto era também o lugar da graça, pois era Deus que conduzia o seu povo. Esquecendo a graça, não se passa a prova. Eis, então, que Jesus desce a esse chão, ao nosso chão, experimenta a nossa condição. Atravessa a prova, ressaltando a graça. Harmonia e paz. O homem, eu e tu, nós, recebemos de Deus o mandato do domínio manso da terra e dos animais (Gn 1,26 e 28). Sem sucesso. Também Jesus desce ao nosso nível, e salva pela graça o nosso fracasso, soberanamente convivendo com os animais selvagens. O texto de Marcos não perde tempo a descrever o conteúdo das tentações, nem a acção dos actores, como vemos em Mateus (4,1-11) e Lucas (4,1-13). Marcos apenas faz descer o Filho de Deus ao nosso chão escorregadio, mostrando bem a sua comunhão connosco e o seu domínio manso, novo e seguro. Do mesmo modo que, pouco depois, estando nós atarefados e aflitos em pleno mar encapelado, filmará Jesus a dormir serenamente na nossa barca, à popa (lugar de comando), com a cabeça suavemente deitada numa almofada (Marcos 4,35-41).

**3.** Note-se também que o «deserto» bíblico que aparece no texto não se ajusta ao que dizem os dicionários ou enciclopédias. Até contradiz esses dizeres. Na verdade, não é um lugar geográfico, mas teológico, pois é apresentado com muita água (João 3,23) cumprindo Isaías 35,6-7, 41,18 e 43,19-20, com árvores (canas) (Mateus 11,7; Lucas 7,24) e relva verde (Marcos 6,39) cumprindo Isaías 35,1 e 7 e 41,19. É um lugar provisório e preliminar, preambular, longe do que é nosso, onde se está «a céu aberto» com Deus, onde troará a voz do seu mensageiro (Isaías 40,3), de João Baptista (Mateus 3,1-3), do próprio Messias segundo uma tradição judaica recolhida em Mateus 24,26. O deserto é o lugar onde se pode começar a ver a «obra» nova de Deus (Isaías 43,19). Mas é um lugar provisório, onde estamos de passagem, e não definitivo, para se habitar lá (à maneira dos Essénios). Sendo um lugar provisório e de passagem, aponta para o definitivo, que é a Terra Prometida, onde Deus fará habitar e descansar o seu povo fiel. Este deserto é uma metáfora da nossa vida, onde sabemos que estamos de passagem. O deserto é todo igual: não tem pontos de referência nem marcos de sinalização. Quer dizer que só podemos prosseguir rumo à Terra Prometida e à Vida verdadeira, se tivermos um bom guia. Aí está o deserto como lugar onde temos de saber escutar a «Voz do fino silêncio» de Deus e ler o mapa da sua Palavra. Agora temos a companhia do Filho, que veio em nosso auxílio.

**4.** Mas, atenção. Depois do pequeno, mas consolador filme a que acabámos de assistir, em que vimos Jesus a descer ao nosso chão, assumindo e salvando os nossos fracassos, preparemo-nos para ouvir pela primeira vez a sua voz. Sendo os seus primeiros dizeres, são, naturalmente, programáticos para o inteiro texto de Marcos.

**5.** Mas antes de ouvirmos, pela primeira vez, a voz de Jesus, anotemos desde já dois notáveis dizeres do narrador, que atravessam em filigrana o inteiro Evangelho de Marcos, unindo os caminhos e os destinos de João Baptista, de Jesus e dos seus discípulos. O primeiro é este: «Depois de João ter sido entregue (paradothênai: inf. aor. pass. de paradídômi)» (Marcos 1,14). Trata-se de uma prolepse, que serve para ver já o que irá suceder a Jesus, acerca de quem o verbo será usado 13 vezes (Marcos 3,19; 9,31; 10,33; 14,10.11.18.21.41.42.44; 15,1.10.15), e aos seus discípulos (Marcos 13,9.11.12). O segundo é o uso do verbo «anunciar» (kêrýssô) para traduzir o afazer primeiro de Jesus (Marcos 1,14). E, mais uma vez, este verbo é um fio condutor que une Jesus (Marcos 1,14.38.39), João Baptista (Marcos 1,4.7), os Doze (Marcos 3,14; 6,12), algumas pessoas curadas por Jesus (Marcos 1,45; 5,20; 7,36) e a Igreja de Jesus (Marcos 13,10; 14,9). Fica, portanto, claro que, antes de pregar, ensinar e curar, Jesus, os seus discípulos, a sua Igreja, são mensageiros que anunciam em voz alta a mensagem de que são incumbidos. E é dito o conteúdo da mensagem: «O Evangelho de Deus» (Marcos 1,14). Sem equívocos então: a primeira coisa que fica expressa com esta linguagem, é que Jesus, o seu precursor (João Baptista) e seguidores (discípulos), se apresentam completamente vinculados a Deus e ao seu Evangelho [= «Notícia Feliz»], vivem de Deus e da Sua Notícia Boa, não agem por conta própria, não são emissores da sua própria sabedoria ou opinião.

**6.** E aí está então o primeiro dizer de Jesus, articulado em duas declarações inseparáveis: «Foi cumprido (peplêrotai: perf. pass. de plêróô) o tempo (ho kairós),/ e fez-se próximo (êggiken: perf. de eggízô) o Reino de Deus (he basileía toû theoû)» (Marcos 1,15). O acento cai sobre os dois perfeitos que abrem enfaticamente as declarações, e revelam que o Evangelho é em primeiro lugar o anúncio da iniciativa divina, Deus em acção, que abre ao homem novas e belas perspectivas. O perfeito passivo (peplêrotai), que qualifica o kairós, indica bem que Jesus não se refere a qualquer segmento de tempo cronológico, mas àquele específico do cumprimento, posto expressamente sob a intervenção definitiva de Deus. Só Deus pode agir sobre o tempo cronológico, tornando-o kairós, tempo grávido de alegria e de esperança, entenda-se, da Palavra amante de Deus que, entrando em nós, reclama a nossa resposta amante e transforma a nossa vida. Uma vez mais, o anúncio precede a ordem: Jesus não começa com normas e exigências, mas assinala quanto Deus já fez e está a fazer, por sua gratuita iniciativa, em nosso favor. Só depois, e como normal consequência, surgem na boca de Jesus dois imperativos: «Convertei-vos» (matanoeîte) e acreditai (pisteúete) no Evangelho» (Marcos 1,15), que traduzem o que compete aos homens fazer. Jesus não é um moralista, mas um Evangelizador.

**7.** Após o drama do dilúvio (Génesis 9,8-15), Deus fala a Noé e aos seus filhos (Génesis 9,8), portanto, a toda a humanidade, anunciando que vai estabelecer a PAZ com todo o universo criado (Génesis 9,9-11), inclusive com os animais selvagens (Génesis 9,10): grandiosa abertura para o Evangelho. Sinal desta nova era de paz: Deus depõe o seu «arco-de-guerra» (arco-íris) nas nuvens (Génesis 9,12-17). O Desígnio de Deus anunciado será inexoravelmente cumprido. A paz para todos e para sempre, inaugurada em Cristo e sempre presente no seu programa filial baptismal, tem de estar igualmente presente no programa filial baptismal de cada baptizado.

8. «Na fé todos estes morreram, sem terem obtido a realização da promessa. Mas viram-na e acenaram-lhe de longe» (Hebreus 11,13). Belíssimo cenário de esperança! Todo o Antigo Testamento acena para Cristo, sua esperança. E como Deus não desilude, Cristo acena agora a todo o Antigo Testamento, levando a salvação de Deus a todos os homens e a todos os lugares, iluminando também a até então impenetrável região da morte (1 Pedro 3,18-20). Pedro dá testemunho da força do Evangelho e da Ressurreição de Cristo que nos constitui em «nova criação» pelo Baptismo (1 Pedro 3,21-22).

António Couto